



BOTULISMO CANINO – REVISÃO DE LITERATURA

Beatriz Sague Lopez¹
Ana Paula Custódio Tortora¹
Davylla Kerolyn da Rocha Silva¹
Amanda Luiza Martins Gama¹
Ítalo Roberto de Souza¹
Paulo Henrique Gilio Gasparotto²

Palavras-Chave: *Clostridium botulinum*, Toxina, Cão.

O botulismo é uma doença rara em cães, resulta da ingestão de comida deteriorada ou carcaças em decomposição contendo a toxina pré - formada produzida pela bactéria *Clostridium botulinum*, sendo esta uma bactéria gram-positiva, anaeróbica, formadora de esporos, saprófita do solo. Existem sete tipos de toxinas, sendo que a tipo C é predominante em cães. A germinação dos endósporos, com crescimento de células vegetativas e produção de toxinas, ocorre em localizações anaeróbicas, como carcaças em putrefação, vegetação em decomposição e alimentos enlatados contaminados (QUINN, et al., 2005). Toxinas pré-formadas nos alimentos, absorvidas no trato gastrointestinal, circulam na corrente sanguínea e agem nas junções neuromusculares dos nervos colinérgicos e nas sinapses autônomas periféricas. O bloqueio da liberação de acetilcolina resulta em moléstia generalizada do neurônio motor e na disfunção parassimpática. O período de incubação em cães varia de 24 a 48 horas, podendo se prolongar até seis dias após a ingestão da toxina. O objetivo é realizar uma breve revisão literária sobre os aspectos clínicos e patológicos do botulismo em cães. Foram utilizados livros e revistas eletrônicas. Os cães acometidos ocasionalmente apresentam disfunções em nervos cranianos, com perda do reflexo pupilar à luz, vocalização fraca, fraqueza facial, diminuição do tônus mandibular e disfagia. Podem ocorrer sinais parassimpáticos como diminuição da produção de saliva e lágrima, midríase, constipação, e retenção urinária. A ceratoconjuntivite seca bilateral ocorre devido à diminuição da produção lacrimal. É comum o aparecimento de regurgitação, decorrente do desenvolvimento de megaesôfago. Em casos severos a morte pode resultar de paralisia da musculatura respiratória, ou devido às infecções secundárias, principalmente em trato respiratório e urinário. Mesmo em casos aparentemente menos graves pode ocorrer morte por pneumonia por aspiração. De acordo com Nelson & Couto (2010) o diagnóstico é baseado nas alterações clínicas e/ou no histórico de ingestão de alimento estragado. A confirmação do diagnóstico de botulismo é realizada pela inoculação de camundongos com amostras de soro, fezes ou vômito do paciente. Não há tratamento específico para o botulismo. O tratamento baseia-se principalmente em medidas de suporte. Animais afetados devem ser mantidos em piso confortável devido ao decúbito prolongado, com auxílio na alimentação. O débito urinário requer monitoramento e, se necessário, a bexiga deve ser esvaziada com compressão manual. Enemas e laxantes podem ser realizados caso ocorra constipação. Fluidos parentais devem ser administrados para evitar a desidratação, especialmente se a deglutição é prejudicada. Recomenda-se a administração de penicilina ou Metronidazol para redução da população intestinal potencial de *Clostridium*. O prognóstico é bom para os cães leve a moderadamente acometidos. Nesses casos, a recuperação ocorre em 2 a 3 semanas (GREENE, 2015). A profilaxia do botulismo em cães pode ser aplicada por restrição ao acesso à carne putrefata, não permissão ao consumo de carne crua de aves e alimentos contaminados ou inadequadamente cozidos. O aquecimento dos alimentos a 80°C por 30 minutos ou a 100°C por 10 minutos inativa a toxina botulínica. Apesar de tratar de uma doença rara em cães, o acometimento é de fácil acesso por meio materiais orgânicos putrefeitos contendo a toxina. Sabendo que não há tratamento específico, emprega o protocolo de suporte que é crucial para a recuperação, bem como atentar para maior acuidade nos métodos preventivos da doença.

GREENE, C. E. **Doenças Infeciosas em cães e gatos**. Editora: Rocca, 4ª edição, Rio de Janeiro, pag. 416-22, 2015.

NELSON, R. W; COUTO, C. G. **Medicina interna de pequenos animais**. Elsevier, São Paulo, pag.1104-9, 2010.

QUINN, P. J. et al. Gênero *Clostridium*. In: **Microbiologia veterinária e doenças infecciosas**. Editora: Artmed, Porto Alegre, pag. 94-98, 2005.

¹ Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária CEULJI/ULBRA. E-mail: biasague@hotmail.com

² Docente do curso de medicina veterinária CEULJI/ULBRA. E-mail: paulohenriquegasparotto@hotmail.com